

A SEMANA

CORTE

Trimestre..... 2\$000
Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Semestre..... 4\$000
Anno..... 8\$000

Gerente -- F. d'Almeida | Proprietario e director -- Valentim Magalhães | Secretario da red. -- A. Mendes

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

A' GRANDE ACTRIZ

ELEONORA DUSE-CHECCHI HOMENAGEM D'A SEMANA

SUMMARIO

Homenagem a Duse-Checchi; *A Semana*, *Lucinda Simões*, *Furtado Coelho*, *Vasques*, *Eug. de Magalhães*, *M. de A.*, *Pereira da Silva*, *Fogliani*, *E. Rouède*, *Arthur Azevedo*, *Labarriere*, *Aluisio Azevedo*, *Urbano D'arte*, *Alfredo de Souza*, *Luiz Murat*, *Arthur Mendes*, *R. Porciuncula*, *F. de Almeida* e *V. Magalhães*. — Cartas de Dumas filho a Duse-Checchi. — 14 do Julho. — A vida elegante; *Lorgnon*. — Theatros. — Questão interessante. — Galeria jornalística; *Zéca*. — Não temas! poesia; *L. Murat*. — Quadros de hontem e de hoje; *A. Sevéro*. — Poesia e poetas; *V. Magalhães*. — Carnavaal da Historia; *P. Véron*. — Cofre das graças; *Bibiano*. — O relógio da vida; *Lauro*. — Factos e noticias. — Tratos á bola; *D. Pastel*. — Correio. — Recebemos. — Expediente. — Annuncios.

A SEMANA

RIO, 17 DE JULHO DE 1885.

Aos que têm visto a brilhantissima serie de trabalhos de Eleonora Duse-Cecchi, não parecerá extraordinario que *A Semana* adiante a sua publicação com o fim unico de ser distribuida na noite da festa da grande actriz, pois que o presente numero lhe é dedicado, como uma singela homenagem da Redacção.

Os que ainda não tiveram a fortuna de vér os admiraveis trabalhos de Duse-Checchi não estranharão tambem esta manifestação por parte do unico jornal litterario da Corte, visto que toda a imprensa tem acclamado e victoriado ruidosamente a eminente actriz.

Reunindo o grupo de distinctos escriptores e artistas, que hoje fulgura nas columnas da nossa folha, tivemos por fim ampliar a homenagem que prestamos e realisar o que apenas com os proprios recursos nos não fóra possivel.

Houtrar o merito e o talento é sem duvida um dever para quem se de-

dica ás manifestações da actividade intellectual, e os artistas e homens de letras que honram hoje a nossa folha cumpriram gostosamente esse dever—fazendo o elogio da grande actriz italiana.

Agradecemos-lhes a gentileza com que corresponderam ao nosso pedido; e aos pés da genial interprete do moderno theatro italiano e francez depomos esta modesta homenagem da nossa profunda admiração.

Se a Italia teve a Ristori—a Musa animada da tragedia classica—tem hoje em Eleonora Duse-Checchi a mais assombrosa personificação do drama contemporaneo.

Affigura-se-me vér a Ristori, ao descer o ultimo degráu do throno, que abdicou, entregar a Duse-Checchi o sceptro com que esta sobe ao logar supremo da moderna scena italiana.

LUCINDA SIMÕES FURTADO COELHO.
Rio, 17—7—88.

Se Victorien Sardou, visse Duse-Checchi na «Clotilde» da *Fernanda*, sentir-se-ia absorto e ficaria até em duvida se o drama, que elle fóra buscar a um conto de Diderot, era simplesmente uma obra de arte, ou apenas a paraphrase de um transe pungente da vida real!

L. C. FURTADO COELHO.
Rio, 17—7—85.

Eleonora Duse-Checchi

Se eu fosse *espiritista* tinha forçosamente de acreditar que o espirito protector d'esse grande prodigio não passa de um refinado gaúno.

Eu me explico:

Deus fez o mundo em seis dias e des cançou no septimo. (Não estou muito certo; porém deve ser isso mesmo.)

Provavelmente, como todos os seus companheiros mestres de obras, foi nesse dia que o *Eterno Operario* arranjou o seu biscate.

Obra fina, para seu uso particular, a que acertadamente chamou—*Scentelha sagrada!*

E' por isso que ás vezes apparecem na terra creaturas que assombram o mundo com o esplendor de seu genio: Trazem carta de recommendação.

Duse-Checchi está neste caso; creio porém que o seu espirito protector apanhou um dia aberta a porta da eterna officina e, como lá por cima não ha policia nem *Leites Borges*, palmou grande porção da scentelha e veio respeitoso deposital-a aos pés da sua protegida!

Só assim se pôde explicar o enorme talento de DUSE-CHECCHI.

F. C. VASQUES.

DUSE-CHECCHI

Tenho visto todas as peças em que a grande actriz tem representado, e confesso que o meu entusiasmo, sempre crescente, chegou até ao delirio quando a vi representar o papel de Clotilde, na *Fernanda*, de Sardou.

E' estupendo! Deante d'aquillo fica-se pasmo!

A prodigiosa intuição da grande actriz dá-lhe um cunho especial.

E' singular, é unica.

Encontram-se quasi sempre, mesmo entre os artistas mais notaveis, certos pontos de contacto. Em Duse-Checchi nada se vé, nada se encontra de todas as actrizes notaveis que a tem precedido nos nossos theatros.

Dizem por ahi que ella escolhera Sarah Bernhardt para seu modelo. E'

nunca tive a satisfação de ver Sarah Bernhardt, mas sendo mesmo verdade o que dizem, ainda assim eu inclino-me antes a crer que a grande actriz italiana não imita a gloriosa actriz franceza: A natureza fel-as irmãs.

Eu curvo-me reverente perante o seu maravilhoso talento.

O actor EUOENIO DE MAGALMÃES.

Rio de Janeiro, 15 de Julho de 1885.

A Italia é a Danride antiga. Podemos pedir-lhe e exaurir-lhe os talentos, um por um; ella os inventará novos, ao lado de Salvini, Rossi; depois de Ristori, Duse-Checchi: feições diversas, arte unica.

M. DE A.

DUSE-CHECCHI,

... nessuno ha scorto al suo esordire in lei la scintilla dell'arte, pochi l'hàn scoperta quando cominciava a manifestarsi.

E eis'ahi porque eu' mais admiro a extraordinaria artista,—*rara avis*, para quem não tem o templo da arte ornamento escuso ou relevo ignoto.

Se estudou um dia, o que recolheu do estudo me parece natural; se representa o natural, todos os seus movimentos me parecem estudados.

Mas natureza e estudo, verosimilhança e verdade, é tudo exclusivo da grande artista; differe de tudo o que tenho visto, mas reconheço, sem ter antes conhecido, reconheço porque o espirito, o meu animo, o organismo, a minha sensibilidade acceta, recolhe, sente, gosa, ou soffre tudo o que experimenta a artista; e a impressão prolonga-se ainda depois de fechada a scena.

E' uma assimilação que não comprehendendo, mas que me abala e constrange. D'ahi a humilhação; sinto-me pequeno deante daquella grandeza!

LUIZ JOSÉ PEREIRA DA SILVA.

Eleonora Duse-Checchi

Dimmi, Donna, perché
Se dentro gli occhi tuoi lo sguardo affiso,
Un senso arcano penetrarmi l'alma
Sento? e il dolore o il riso
Tu mi metti nel cor, tempesta o calma?
Dimmi, Donna, perché
Questo potere sovrumano, ond'io
Penetrato mi sento?
Esoffro se Tu soffri, e l'odio ed amo
A tuo talento?
Questa é scintilla che Ti vien da Dio
E Divina Ti rende;
E degli affetti nell'orribil guerra,
Di che l'anima hai piena
Quando Sovraus domini la scena,
Scorda la terra
Chi Ti vede e t'intende.

FOGLIANI

De vel-a o goso e o goso de adoral-a
Nunca me o céo magnanimo recuse!
Que olhar! que gesto! que mulher! que falla!
Dumas fez a « Denise » e Deus a Duse.

ARTHUR AZEVEDO.

DICTIONNAIRE ARTISTIQUE

« Duse-Checchi. »

Peu de corps.

Beaucoup d'âme.

Immense génie.

N. B. — La porsonification de l'art dramatique au XIX^{me} siècle.

E. ROUËDE.

Que serait-ce que l'Art, sans ses interprètes, sinon une pure abstraction?

Pourrait-on se faire une idée della sculpture sans les chefs d'œuvre de Phidias, de Michel Ange, de Carpeaux; de la peinture sans les toiles de Raphaël, du Titien, de Gérôme; de l'art dramatique, sans avoir entendu Rachel, Ristori, Sarah Bernhardt et Duse-Checchi.

P. LABARRIÈRE.

A arte no theatro é a concentração de todas as manifestações do espirito humano.

Para ser um bom actor ou uma boa actriz é necessario ter dentro de si a alma de um estatuário, o genio de um pintor, a fantasia de um poeta, o heroismo de um Christo, a perseverança de um santo, os sonhos de um musico, a ternura de uma mulher e os odios de um demonio. Eis o artista do palco. Saudando Duse-Checchi saúdo a melhor cousa que pertence ao mundo—a Arte!

ALUIZIO AZEVEDO.

Vi o Ernesto Rossi no *Hamlet*, admirei Salvini na *Morte Civil*, Ristori na *Maria Antonietta*, Tesserò em *Divorçons*, Antonio Pedro no *Paralytico*, Lucinda no *Demi-Monde*, Emilia Adelaide na *Dama das Camélias*.

Não digo que a Duse-Checchi valha mais do que alguns destes eminentes artistas, porque isso seria exalçar-a demasiado por sacrificio á moda ou ao engouement do momento.

Mas o certo é que ella, em *Fernanda*, leva-os a todos de vencida; consegue dar á personagem de Clotilde, confeccionada habilmente por Sardou nos moldes estreitos e almiscarados do *boudoir* parisiense, proporções eschylianas, onde perpassa ululante e tetrico o sopra da tragedia antiga.

A serpente flammivoma do ciume enrosca-se dentro do seio da amante despresada, e cada uma das suas temerarias contorções é reproduzida no semblante da Duse-Checchi como num espelho concavo, concentrador de luz e calor.

Ha scenas, no final do 3^o acto, em que nos pareceu ouvir um echo longiquo e surdo do côro das *Eumenides*, as furas vingadoras do theatro grego, despertadas do seu somno, vinte vezes secular, para virem em bando sinistro pouzar no coração de Clotilde—Duse-Checchi...

Sublime, medonho, terrivel!

URBANO DUARTE.

A DUSE CHECCHI

Esta mulher magra, moça, alta, coroa-la por uns cabellos negros como o crepe, de rosto pallido e melancolico, mas illuminado e aquecido pelo sol de uns olhos grandes e travessos, não é simplesmente uma artista, uma interprete feliz de personagens de alta comedia ou de dramas; é um genio—crea e impõe-se como um astro!

ALFREDO DE SOUZA.

Ouvindo-a, fico como que encerrado
Dentro de um negro carcere de assombros;
Fico ao seu gesto de rainha atado
E sinto o peso d'esse olhar nos hombros,

Como se carregasse a tempestade.
E' que ella traz no gesto o raio e a chamma,
E' que eu a julgo uma outra divindade,
Que o olhar assombra e o coração inflamma.

LUIZ MURAT.

Oh! Deus, devias, ao vel-a
E ao ver o talento seu,
Para saudar essa estrella,
Mandar estrellas do céu!

ARTHUR MENDES.

Tudo quanto se possa dizer sobre o merito artistico de Duse-Checchi ficará muito a quem da verdade.

O publico fluminense que se presa de ser entendido em materia de arte que a veja porque nunca, nunca tornará a pizar os nossos palcos artista de tal merecimento a não ser que ella aqui nos volte.

R. PORCIUNCULA.

ELEONORA DUSE CHECCHI

Extraordinaria organização artistica Com tão pouca idade nunca appareceu no Brazil uma actriz de tão alto merecimento. Assombra o saber-se que aquella estupenda *Clotilde* tem sómente vinte e cinco annos e ha apenas dois ou trez que desempenha papeis d'esse genero!

E é preciso considerar-se que a actriz ainda não irradia todos os esplendores do seu raro talento, porque os seus grandes dotes artisticos não estão completamente desenvolvidos pelo profundo conhecimento da arte.

Com mais alguns annos de scena, attingindo todos esses dotes o completo desenvolvimento—a Duse assombrará todas as platéas do mundo e fará esquecer todas as grandes artistas do passado.

Sobre quantas temos visto Duse tem a vantagem de não ter escola nenhuma; de se não subordinar a preceitos e a regras estabelecidas, de repellir a tyrannia das convenções, quasi sempre absurdas, que delimitam n'um estreito circulo muitas das qualidades individuais do artista, não lhe permittindo a espontaneidade e a originalidade, que constituem o maior valor de todas as manifestações da arte—

E' uma actriz revolucionaria, é uma artista rebelde; os que se submettem

podem chegar a ser grande, mas nunca serão—extraordinarios.

Na arte dramatica, mais ainda do que nas outras, é vulgar a imitação. Um actor lembra quasi sempre um outro actor. E' do que se não pôde accusar a Duse Checchi.

Extraordinaria actriz!

FILINTO D'ALMEIDA.

Prodigioso poder o do talento dos grandes artistas!

Multiplica, transforma, anihila a propria individualidade para corporisar as creações dos grandes auctores dramaticos.

Não é um temperamento especial, determinado; é um temperamento multiplo, amorpho, adaptavel ao temperamento do personagem que lho couber representar.

Não é uma alma: delicada ou grosseira, meiga ou violenta, melancolica ou alegre, profunda ou futil... E' a alma das creaturas do drama; será hoje sublime com a mesma verdade e a mesma facilidade com que hontem foi tenebrosa e com quo amanhã será soffredora e casta.

Sangue, nervos, musculos, corebro e coração não lhes pertencem, mas aos typos dramaticos a que houverem de imprimir a vida scenica.

Duse-Checchi, por exemplo.

Quem é ella?

E' a princeza Romanzoff:—mulher nervosa e irritavel, de paixões extremadas, sublime no amor como terrivel na vingança.

E' Dyonisia—mulher honesta e infeliz, quo resgata á custa de resignação, de trabalho e de modestia uma culpa que não foi sua.

E' Cypriana, do *Divorçons* — menina e moça, leviana mas pura, fantasiosa e amavel.

E' a Clotilde da *Fernanda*—coração que ama e odeia com a impetuosidade e a pertinaciado desespero surdo, produzido pela vida e pela morte de uma grande paixão, immaculada e unica.

E' tambem a estupenda *mulher de Claudio* — um monstro, que de mulher apenas possui o dom de se fazer amar, *quand même*.

E' a fidalguinha orgulhosa e altiva do *Romance de um rapaz pobre*.

E', enfim, a desgraçada e adoravel Margarida Gautier, — a personificação do amor, com todas as suas delicias e todas as suas angustias.

Será amanhã qualquer outra mulher nascida do cerebro de Dumas, de Sardou, de Echegaray ou de Giacommetti.

Prodigiosa força a do genio!

Milagroso poder o que lhe dá—a Arte!

Que será Duse-Checchi quando aquella força rounir este poder em toda a sua amplissima esphera de acção?

E' difficil, é quasi impossivel imaginá-lo!

E' a Sarah Bernhardt italiana, hoje, Quem se lhe poderá comparar, amanhã?

VALENTIM MAGALHÃES.

CARTAS

DE DUMAS FILHO A' DUSE-CHECCHI

Arthur Azevedo, o *heróe* do *Diario de Noticias*, publicou nesta folha duas cartas escriptas pelo eminente auctor da *Denise* á genial interprete desta sua ultima criação.

Damos a palavra ao nosso collega:

« Em 1882, quando a Sra. Duse-Checchi representou no teatro Vallo, de Roma, a *Princesa de Bagdad* e a *Mulher de Claudio*, a joven e notabilissima actriz recebeu de Alexandre Dumas a seguinte carta, cujo original tenho defronte de mim:

« Mademoiselle. — Je viens de recevoir à la campagne, où je suis encore, la dépêche de Mr. Rossi et la vôtre. Je suis on ne peut plus heureux du succès que vous m'annoncez. Seulement, celui des deux qui doit être reconnaissant à l'autre, c'est moi et non pas vous. C'est vous qui avez eu le courage d'affronter le public dans deux pièces auxquelles il s'était montré jusqu'alors hostile et c'est vous qui les lui avez fait comprendre.

« Mademoiselle Croizette avait fini par triompher à Paris de la résistance du public parisien, dans le rôle de Lionnette, mais mademoiselle Desclée, malgré son immense talent, n'avait pu imposer celui de Césarine.

« Je ne crois même pas que cette pièce puisse jamais être reprise chez nous, puisque vous n'êtes pas française.

« Je le regrette beaucoup, mais ne le dites pas; cela me brouillerait avec les actrices de mon pays et avec le public du vôtre.

« Si jamais vous venez à Paris, j'espère que vous voudrez bien me le faire savoir, pour que je puisse vous porter moi-même l'expression d'une reconnaissance que je ne puis encore vous témoigner que de loin.

A. DUMAS. »

Tendo a grande actriz communicado ao celebre dramaturgo a impressão que lhe causára a leitura da *Denise*, Alexandre Dumas escreveu-lhe ainda, em 9 de Dezembro ultimo, as seguintes linhas, e não creio que honra maior lhe pudesse fazer:

« Madame. — Je suis on ne peut plus heureux de l'impression que vous a causée *Denise*.

« Je ne puis vous dire qu'une chose: c'est que j'ai pensé à vous tout le temps que j'ai écrit cette pièce. Quand je l'ai racontée à T*** (1), il m'a dit, et j'en étais déjà convaincu, que personne ne comprendrait et ne jouerait mieux que vous cette pièce.

« Je vous serre bien affectueusement la main.

A. DUMAS. »

Ambas essas cartas, que são hoje publicadas pela primeira vez, me foram a custo confiadas por sua graciosa destinatária, cuja modestia difficilmente venci. »

(1) O nosso collega não conseguiu decifrar este nome na carta do grande dramaturgo.

N. DA R.

14 DE JULHO

No dia 14 de Julho de 1789 a França deu um grande exemplo á Europa e ao mundo.

Revigorada pelas idéas contidas na Encyclopedia, exhausta pela pesada carga de muitos seculos de luctas e de vexames, ella conseguiu romper os obstaculos que se interpunham á sua passagem e revolver inteiramente o sub-solo politico da monarchia de Luiz XIV e Luiz XV, cujas consequencias cahiram todas sobre a cabeça de Luiz XVI numa explosão de odios, que se prolongaram como uma corrente ancestral até aos revolucionarios de 89.

Emquanto os reis modernavam tranquillamente na sua omnipotencia, offuscados pelos brilhos da sua alta linhagem, enquanto pompeava a nobreza e os cortezãos encontravam á sombra das prerogativas monarchicas alguma cousa que os tornava dignos do rei e alheios á lenta fermentação das coleras, que se operava occultamente no coração daquella pobreza, sem direitos e sem prerogativas, ali, nesse entre-solho onde não descia o raio de uma esperanza, e que era feito de sombras e de miserias, estava se preparando a nebulosa de onde sahio mais tarde o sol da civilização moderna.

Não discutiremos as causas, nem as consequencias d'este assombroso facto. A *Semana* apenas quer se consorciar á homenagem que os povos civilizados acabam de prestar á França, o paiz das tradições democraticas, a gloriosa França dos *sans culottes* e dos *cordeliers*.

A França fez a civilização, deu um aspecto diverso ao seculo XIX e plantou sobre as ruinas das monarchias divinas—o primeiro gemulo de onde deveria brotar, estender-se, subir para o céo, encher toda a planura deshabitada do coração humano, feito para amar, grandioso bastante para conter dentro de si tudo quanto havia de bom no passado, tudo quanto havia sentido a humanidade, agrilhoada por todas as dores, chumbada á agonia de uma condemnação secular, pela hereditariiedade de uma funcção que não se casa com o modo de pensar do seculo, nem se concilia com a actividade do nosso espirito, que descende em linha recta dos coripheos daquella enormissimo acontecimento politico.

A *Semana* saúda o 14 de Julho.

Realisou-se com toda a pompa terça-feira, no Polytheama, a festa do anniversario da tomada da Bastilha.

Grande numero de pessoas distinctas occupavam camorotes, que se archavam primorosamente ornados, nos quaes se viam escudos com os nomes gloriosos de grandes homens da França.

Após a brilhante abertura do *Domino noir*, de Auber, pela orchestra, levantou-se o panno, fazendo apparecer o busto allegorico da Republica. Por essa occasião a musica do arsenal de guerra acompanhava diversos socios

da Choral Franceza que entoavam com brio *Le chant du depart*.

Em seguida o capitão Voyer executou ao piano com acompanhamento de orchestra um estudo em *Lá menor*.

Marietta Balby, uma interessante menina, desempenhou com muita graça uma scena comica.

Mlle. Rose Meryss, com a expressão que lhe é peculiar, cantou *Si vous n'avez rien a me dire*, musica de Mme. la Baronne W. Rothechill, letra de Victor Hugo.

Seguiu-se a segunda parte do concerto e fizoram-se justamente applaudir o capitão Voyer, Mme. Douglas, o violinista Cernicchiario, Mlle. Delsol e Mlle. Rose Meryss.

Esteve esplendida a *tombola* para crianças e magnifico o baile, que se seguiram ao excellento concerto, cujo programma não publicamos por nos faltar espaço.

Concorreu bastante para o brilhantismo desta festa o Collegio Internacional, do Sr. Gambaro, cujos alumnos percorreram varias ruas da cidade em *marche aux flambeaux* até á porta do theatro, onde muito se distinguiram. Uma bella festa.

Em consequencia da anticipação que hoje fizemos da publicação da nossa folha e do acumulo de materia extraordinaria, deixamos de publicar as secções *Historia dos sete dias*, *Politica e politicos* e *Bellas Artes*, e além d'esses os seguintes artigos—*Alfarrabios*, por *Ignótus*, *O leito*, conto de Guy de Maupassant, a primeira das «cartas de um chinês no Brazil a um brasileiro na China».

Pedimos desculpa aos nossos assignantes d'esta grande escunoteação imposta pelas circumstancias, prometendo para o proximo numero o que neste não foi possível inserir.

A VIDA ELEGANTE

Brilhantissimo o concerto, a que assistimos, realizado sexta-feira, 10 do actual, nos salões do Club Beethoven.

Confessamos que nos satisfez completamente todo o programma; sobretudo porém, a magnifica *tarantella* de Schubert, cuja execução o excellento violinista Sr. Otto Beck conseguiu que fosse acompanhada dos mais justos applausos.

De todos os concertos organizados pelo Club Beethoven, foi este incontestavelmente um dos melhores.

Muito bem.

LORGNON.

THEATROS

COMPANHIA DRAMATICA ITALIANA ROSSI-DUSE-CHECCHI

Vae felizmente agora em caminho de rosas esta excellento companhia, que tem proporcionado ao nosso publico noites verdadeiramente deliciosas, como talvez jamais lhe tenham sido offerecidas por nenhuma outra.

A unanimidade com que a imprensa tem coberto de elogios e applausos Duse-Checchi, Andó, Rossi e os demais artistas—, esse *unisono* de palmas em todos os jornaes—tem conseguido despertar vivamente a curiosidade publica e as ultimas receitas do Ciacchi tem sido muito razoaveis.

Ainda bem que a capital do imperio vae comprehendendo que seria um crime de lesa-arte não correr ao theatro S. Pe-

dro todas as noites em que nelle trabalhe a companhia dramatica italiana, e não applaudir, a romper as luvras, estas trez notabilidades:—Duse-Checchi, Flavio Andó, Cesar Rossi.

Foram quatro as novas peças representadas durante a semana:—*A mulher de Claudio*, antigo drama de Dumas filho, *Luiz XI*, a celebre tragedia de De-Lavigne, *Romance de um rapaz pobre*, velharia dramatica do femiui Feuillet e a *Dama das Camélias*, a obra-prima de Dumas filho.

Passamos a apreciar succintamente, a largas pennadas, o trabalho da companhia nestas peças, á excepção da ultima, que somente depois de impressa esta folha subirá á scena.

«A MULHER DE CLAUDIO»

Embora publicada ha mais de dez annos, pois Dumas a escreveu pouco depois de terminada a guerra franco-prussiana, somente na noite de 11 do corrente ponde o nosso publico travar conhecimento com esta peça.

Acreditamos, porém, que elle não deseja estreital-as. *A Mulher de Claudio* desagrudou sobranamente tanto aos espectadores como á imprensa.

E merccc,—palavra!—a antipathia, o geral desagrado.

E' grosseira, é absurda, é violenta, é tola—como idéa, como obra litteraria.

Mais pamphleto do que peça theatral—e pamphleto que não prova cousa nenhuma.

Mais do que pamphleto ainda, é uma allegor a, uma dissertação symbolica: Claudio é a França, Cezarina (a mulher de Claudio) é a Prostituição, Cantagnac é o Estrangeiro, que conspira contra a França para roubar-lhe as glorias e os proveitos das suas grandes invenções.

Uma peça em taes condições não é para ser representada, mas para ser lida. A'quelles personagens, filhos de um mundo fantastico, não ha artistas que lhes possam dar existencia real; aquellas ficções symbolicas não ha talento dramatico que possa transformalas em creaturas humanas, transfundindo-lhes sangue nas veias, fazendo-lhes palpitar um coração naquelles peitos ócos, em que resoam as bombas rethoricas da verrina patriotica.

Por isso é que Duse, Rossi e Andó não conseguiram nesse drama triumpho igual aos que nos anteriores alcançaram. Elles, como homens que são, não podem o impossivel e impossivel seria humanisar aquellas figuras... de rethorica.

Isso porém não impedio que elles mais uma vez patenteassem deslumbrentemente a força enorme dos seus privilegiados talentos.

Duse-Checchi fez *Cezarina* de modo a não causar aos espectadores asco e repugnancia d'aquelle monstro, em cujo coração nenhum amor—nem de esposa, nem de mãe—conseguiu nascer e medrar. E dizendo isto teriamos dito tudo.

Houve momentos, como no monólogo do 2º acto e na scena de seducção de Antonino, em que o trabalho da grande actriz attingio a culminancia da arte.

Rossi fez admiravelmente a parte de Cantagnac, com toda a finura, destacatez e perversidade que demandava o papel.

A maneira porque perguntou a Cezarina: «Quanto quer por me vender o segredo de seu marido?» só pode ser comparada ao modo com que a Sra. Duse-Checchi pronunciou aquelle: «*Lo sal!*», em resposta á ameaça de contar a Claudio o vergonhoso segredo da sua indigna mulher.

Ao Sr. Rossi nos só lhe pediríamos, como reparo a um justo senão, que se

caracterisasse mais cuidadosamente; as suas cabelleiras são sempre tão mal postas!...

Andó apresentou um Claudio muito accetavel, apesar dos pezares que lhe poz o auctor. Não concordamos com a censura que fez a *Gazeta de Noticias á feição tragica* que elle deu ao papel. Andó fez um Claudio sombrio, taciturno, mas natural e correcto.

Ruim peça; desempenho mil vezes superior á peça.

LUIZ XI

A companhia dramatica italiana representou no domingo ultimo esta famosa peça de Delavigne.

O papel de Luiz XI é um dos mais trabalhosos do antigo repertorio dramatico.

Coxo, torto, contrahido, tremulo—é, physicamente, um monstro; covarde, fanatico, traíçoero, assassino, fraticida—é ainda um monstro moral. Junta-se a todas estas qualidades de character o tenebroso peso do remorso e um enorme terror religioso, e poder-se-á calcular a difficuldade que a interpretação e a execução de um tal papel offerece a um artista.

Sabendo que Ernesto Rossi havia entre nós representado esse terrivel papel, maior era ainda a responsabilidade que o Sr. Cesar Rossi tomava a si desempenhando-o.

Pois podemos dar sinceros applausos ao Sr. C. Rossi.

Sahio-se galhardamente, e fez um trabalho notabilissimo. Esse trabalho é mais que sufficiente para dar ao Sr. Rossi foros de artista de primeira ordem, e revelou que seu alto merito não fora ainda reconhecido pela nossa platéa, porque os demais papeis que o Sr. Rossi desempenhara anteriormente não lhe offereciam ensejo para a manifestação das suas grandes qualidades e do seu largo conhecimento da arte.

O Sr. Rossi é um actor de escola, e é por isso que fica um tanto deslocado na companhia Ciacchi, onde todos os outros artistas pendem mais para a moderna arte franceza, mais revolucionaria e mais livre, menos adstricta ás convenções theatraes e ás determinações rigorosas da arte medida e pausada.

E' um artista que precisa ser apreciado e julgado á parte, e a peça que para esse effeito mais se prestava era effectivamente a tragedia de Delavigne. Fez bem o Sr. Rossi em representar o difficilimo papel do rei francez: ficou assim restabelecida a sua reputação e reconhecido o seu grande merito.

Quem no Luiz XI parece um outro actor é o Sr. Andó: gesto largo, paço cadenciado e medido, declamação ampla e vibrante, ademane guerreiro e solemne—pura escola tragica italiana e trabalho perfeito.

O Sr. Checchi é que está inteiramente deslocado no papel de Vicente de Paulo, e não devemos levar-lhe em conta as imperfeições e os desvios que todos notaram.

A peça não tem mais nenhum papel de importancia, mas pode-se dizer que o conjuncto foi, como sempre, bom e harmonico.

ROMANCE DE UM MOÇO POBRE

Velhissimo conhecido das platéas fluminenses, foi este drama, entretanto, uma novidade para a do theatro S. Pedro na noite de 13 do corrente, pela maneira porque foi representado.

Duse-Checchi tinha no papel de Margarida occasião de mostrar mais uma face nova do seu multi-forme talento. E aproveitou-a brilhantemente.

Esse papel não dá ensejo para que uma actriz como esta possa revellar todos os seus recursos, pois entra na peça como a *sombra* precisa para realçar o claro do papel de Maximo Odier, o protagonista. Verdadeiramente, Margarida só tem na peça uma scena—a das ruínas. E nesta, Duse-Checchi conseguiu fazer-se applaudir freneticamente, em trez consecutivas chamadas á scena. Teve gestos, inflexões, olhares, sorrisos, grandes nadas artisticas, deliciosos de graça e naturalidade.

Andô desempenhou-se do seu papel como sempre:—perfeitamente.

Devemos, contudo, dizer que esta peça não mereceu á companhia o mesmo cuidado, o mesmo estudo que ella tem dispensado ás outras. Assim é que Andô, contra as indicações da peça, não se apresenta vestido sempre de preto, modestamente, mas com *toilettes* de uma elegancia e custo superiores ás condições do triste e pobre Odier; na scena das ruínas era natural que levasse botas, pois fora a cavallo: no acto seguinte não appareceu como quem vinha de uma tremenda queda a um terrivel abysmo.

Tambem a Sra. Checchi, apresentando-se nas ruínas, de roupão cinzento claro, destruiu a lenda da «dama negra» de que com tanto medo falou o pastor, que deitou a correr desde que a viu, á luz da lua, no derrocado castello.

Ligeiros senões, é verdade; mas estranháveis em artistas d'esta ordem, que com tanto escrupulo estudam os seus papeis.

Rossi deu-nos um Laroque magnifico, o melhor de quantos temos visto.

A sua excellente caracterisação foi bellamente secundada pela voz e pelo gesto, de modo a completar esse, a um tempo lamentavel e repugnante, typo do velho Laroque.

Os demais artistas portaram-se muito bem nos seus papeis, como aliás é seu costume.

NO SEIO DA MORTE

Foi na terça-feira, no Recreio, a muito esperada e desejada primeira representação d'esta famosa tragedia em verso, de Echegaray, que S. M. o Imperador offerecera ao actor Dias Braga e com que este distincto artista fez beneficio.

O desempenho, tirante algumas falhas e descuidos proprios de uma primeira recita, foi bastante rasoavel.

Comprehender-se-á que nos não fica bem falar d'elle, visto que dois dos redactores d'esta folha são os traductores da peça e que qualquer elogio pôde parecer *reclame*, como qualquer censura pôde parecer má vontade.

Os mesmos argumentos subsistem para o julgamento da traducção. Não nos furtaremos, todavia, a transcrever para *A Semana* um elogio que lhe fez o *Jornal do Commercio*, orgam assás competente, autorizado e conspicio para a boa critica litteraria imparcial e despreoccupada. Transcrevemos esse rapido juizo do grande jornal com tanto mais prazer quanto podemos informar os nossos leitores de que foram os Srs. Alfredo Riancho Camaratte e Carlos Maximiano Pimenta de Laet os cavalheiros que na primeira representação do *Seio da Morte* occuparam o camarote do *Jornal do Commercio*:

«A traducção foi feita pelos Srs. Valentim Magalhães e Filinto de Almeida. Dos versos de Echegaray pouco ha actualmente que dizer. A reputação do poeta hespanhol é já conhecida em todo o mundo. Da traducção diremos apenas haver sido feita com fortuna varia. Em uns versos manteve-se a elevação e belleza do original; em

outros, porém, sahio a traducção contrafeita e por vezes mesmo em lingua-gem por demais rasteira. Se bem que do verso hespanhol se possam conservar, sem maior alteração, estrophes inteiras, a tarefa de traduzir Echegaray não é cousa facil. Os traductores alguma cousa fizeram; mas o que lhes ficou por fazer avulta em maior quantidade.»

Agora, se alguém exigisse do critico a prova de que conhece o original, talvez elle ficasse bem atrapalhado. Não seremos nós quem lhe vá pedir essa prova.

Mas é consolador saber-se que umas tristissimas e deploraveis correspondencias do Paraná podem indirectamente influir na critica litteraria d'este nosso Brazil.

Está salvo o theatro nacional!

THEATRO LUCINDA

Annunciam-se os ultimos espectaculos da companhia Furtado Coelho para amanhã e depois d'amanhã.

O publico escolhido e distincto, que tanto aprecia e estima os artistas Furtado Coelho, não deixará por certo de se ir despedir d'elles, manifestando-lhes com muitas e muitas palmas a sua gratidão pelas bellas noites artisticas que lhe proporcionaram e as saudades que lhe vão deixar, com a sua partida.

Lucinda, a gentilissima *baronne d'Ange* guardará por certo em seu coração a viva lembrança das muitas sympathias e da grande admiração que lhe tributamos todos. E Furtado Coelho terá saudades d'este seu velho e dedicado amigo—o povo fluminense.

Ao Lucinda!

Certa viuva moça, luzidia, que ainda tinha da belleza o viço, vio-se em estado interessante, um dia, —máu grado seu e sem contar com isso.

Examina-a o doutor, e ella ao sensato, ao bojudo doutor, velho e bemquisto, diz, a corar, justificando o facto: «Doutor, nem sei donde é que me vem isto!»

RALPHO.

QUESTÃO INTERESSANTE

«Tem o marido o direito de abrir as cartas dirigidas á mulher?»

Tem a mulher o direito de abrir as cartas dirigidas ao marido?»

Das muitas respostas que temos recebido sobre esta questão, proposta em nosso n. 28, publicamos hoje as seguintes:

«Na minha opinião, nem o marido, nem a mulher devem abrir as cartas um do outro: o primeiro porque pôde descobrir quão é enganado e a segunda quando pôde enganar. Seu criado e obrigado,—*Gato Escaldado.*»

13-7-85.

1.º O marido não deve abrir as cartas da mulher; porque, ou elle tem confiança nella e a abertura das cartas revela uma simples curiosidade, que ao homem é sempre injustificavel; ou elle não tem confiança, e então a abertura das cartas importa a indagação de uma infamia por outra infamia, o que é sempre condemnavel.

2.º A mulher não deve abrir as cartas do marido pelo simples facto de que elle não abre as della.

Tal é a opinião do—*Jury Republicano.*»

«A illustrada redacção d'*A Semana* propõe para ser respondida a seguinte questão—Tem os conjugues o direito de abrir as cartas um do outro?»

E' esta uma questão melindrosissima e são frequentes nas repartições postaes as reclamações d'esta natureza, mormente por parte dos maridos; sendo certo que a simples declaração da existencia de uma carta para a esposa é já de sobra, muitas vezes, para funestas consequencias na harmonia conjugal.

E' possivel que sob o ponto de vista moral em absoluto a resposta á questão deva ser affirmativa.

Sob o ponto de vista, porém, propriamente pratico para a sociedade actual parece-me que não.

E assim é que neste sentido resolve a questão a lei que dirige os correios da União Postal Universal. As cartas das Postas Restantes só podem ser entregues aos proprios destinatarios, exigindo-se d'esses prova de identidade, quando não forem conhecidos. Nem o marido nem a esposa tem direito de receber as cartas um do outro.

Tenho lido alguma cousa do muito que se tem escripto sobre assumpto de correio, o qual, seja dito de passagem, não se limita, como se é geralmente, ao material trabalho de recebimento e entrega de cartas.

No cap. VIII.—*Du Droit des Maris, Peres, Tuteurs, sur les lettres adressées à leurs Femmes, Enfants ou Pupilles, etc.* do livro de Rodolpho Rousseau.—*Traité Théorique et Pratique de la correspondance par lettres, missives, et telegrammes* escripto em 1876, encontrará a illustrada redacção d'*A Semana* soluções esclarecidas, firmadas em leis e opiniões juridicas não só sobre a questão proposta, como sobre outras analogas, de equal transcendencia, as quaes, apezar do que ha legislado, complicam-se algumas vezes por tal forma que collocam em serios embarços, os correios, que, como o nosso, não têm o indispensavel empregado jurisconsulto que as estude e resolva.»

Em 15 de Julho 1885.

Em passeio conduz a ver as feras elle, ao Jardim das Plantas, a familia: —sogra, mulher e filha.

Deante da ferrea jaula das panthéras, que arreganham, pulando, os alvos dentes, detem-se D. Barbara, asombrada. Murmura o genro, ao vel-a assim pasmada:

«Como adora os parentes!»

PIFF.

GALERIA JORNALISTICA

IV

MUDSON DO POVO

Elle foi o Terror da monarchia!

A herculea clava que alluir tentava

O solio imperial!

Tigre, leão, jaguar — elle rugia

Em derredor do Throno... (Apos, fizeram-n'o

Redactor do «Jornal».)

Elle arrojava versos incendiarios

A' Dynastia! El-Rei era lacaio,

O Paço era bordel!

D. Pedro — algoz! a grey brazileia — victima;

Hoje faz gazetilhas descriptivas

Do Palacio Isabel.

«Sic mutantur tempora» que a «Musa Do Povo», a heroica, a musa intemerata, Que chamava á vingança
A brava gente brasileira —agora
E' a musa dos «buffets» da Serenissima
Herdeira de Bragança.

Essa cabeça desgrenhada, onde
Fôra tecer seu ninho a Liberdade
Qual no rochedo alpino
A aguia soberba; essa cabeça hoje
Já não reclama a guilhotina, apenas
Requer um pente fino.

Porquanto o que ella tem na emaranhada
Melena hirsuta, e do miolo incluso
Nos intimos refólhos,
Não são idéias, não, mas—dil-o a chronica—
Aqui, são gazetilhas laudatorias,
Emquanto ali—pi...

ZÉCA.

O amor de uma mulher é mais terri-
vel do que o odio de um homem.

SOCRATES.

NÃO TEMAS

(A ARTHUR MENDES)

Tremes! De que tens medo? Empallideces!...
Queres chorar, medrosa? Ha muita luz
No céu ainda. Vamos! Enlouqueces
Com certeza. Não vês que não reluz

Nem uma só estrella na azulada
Esphera; que ainda a luz brinca nos ramos;
Que a grotta ainda está illuminada,
E a fonte p'ra onde vamos?...

Anda, inclina um bocado essa cabeça
Loura; mais, ainda mais, assim; que o sol
A beije, que este espaço resplandeça
Aos clarões d'este limpido arrebol.

Como são bellos estes teus cabellos,
Mysteriosos sonhos occultando!
E estes labios, tão rubros e tão bellos,
Meus beijos provocando!

Vamos! Não tenhas medo! Um coração
Não teme nunca um coração que o ama;
Qu'importa que nos cerque a solidão,
Que nos devore o seio a mesma chamma?!

Se tens certeza que é o amor que brilha
Nos meus olhos sem medo, sem assombros,
Volta essa fronte receiosa, filha,
E poisa-a nos meus hombros.

Não tenhas medo que eu te faça mal.
Pois eu fazer-te mal! Era preciso
Que eu fosse outro e outra fosses! Que este val
E este céu e esta nuvem, que o teu riso,
Como a manhã em purpuras incende, —
Não reflectisse o teu formoso rosto!
Vê como em nuvens d'ouro o sol resplende!.,
Olha, formosa, aposto

Que este ligeiro bando de andorinhas,
Que vem de leve o azul manchando agora,
Cuida que é solo d'ouro onde caminhas,
E que tu és a aurora,

E que eu a noite. E a noite possuir-te!
Ora a noite a guiar no céu a estrella!...
Que engano, flôr, que engano, confundir-te
Com a aurora, quando a aurora é menos bella!
Mas perdôa; olha, ás vezes, quando eu vejo
No azul a madrugada apparecendo,
E a fonte e o rio e a flôr pedir-lhe um beijo,
Cuido que é um riso teu que vem nascendo.

Até mesmo eu me engano. Ao contemplar
As brumas do crepusculo indeciso
Chego — loucura! — o céu a comparar
A tua bocca, e a aurora ao teu sorriso!...

LUIZ MURAT.

(Das Avalanches.)

QUADROS DE HONTEM E DE HOJE

Acabamos de ler este interessante
volume de boa prosa e escripto por
um espirito, no qual se sente palpitar
uma nova idéa, uma nova corrente de
emoções.

Sem querermos fazer a critica do vo-
lume dado á publicidade pelo Sr. Luiz
de Andrade, todavia não podemos deixar
de destacar um dos quadros que foi
talvez o que maior impressão nos dei-
xou da leitura: intitula-se—*Um dia,
para os mortos.*

O autor faz umas rapidas conside-
rações a respeito da morte e entende
que o homem não se satisfaz com os
addiamentos que a Philosophia Posi-
tiva deu a estas questões transcen-
dentaes.

Está provado que o espirito humano
nunca chegará á solução d'este grande
problema, que escapa a toda e qual
quer observação e em cujos dedalos
emaranhou-se a Philosophia que se
estende desde Protágoras e Aristó-
teles, até Bacon, Newton e Kant.

A Philosophia Positiva comprehen-
dendo a impossibilidade de chegar-se a
um tal resultado, eliminou, como uma
necessidade para a elevação do espirito
humano, esta tendencia de se querer
tudo resolver por meio de creações
ficticias. resultado da imaginação dos
philosophos.

Orientando a Philosophia e circun-
screvendo-a ao relativo, deu ás scienc-
cias um novo impulso e desdobrou aos
olhos da humanidade um novo campo
para as suas observações. Isto é admi-
rável, mas não basta ao sentimento
religioso. A religião concreta não sa-
tisfaz á curiosidade do homem.

O sentimento religioso que a prin-
cipio representa a causa universal
sob a forma de agentes imperfeita-
mente conhecidos, depois sob a forma
de agentes menos conhecidos, chega
finalmente a concepção de uma causa
inteiramente incognoscivel. Porém
nunca desanimou, pelo contrario, abor-
da sempre o problema com maior ancie-
dade e com um novo fervor. D'ahi é
facil de se prever que elle não deixará
de fornecer uma explicação ao desco-
nhecido.

O ser finito, pois, que a Philosophia
Positiva propõe aos seus discipulos não
satisfará de modo algum á natureza
affectiva do homem, da mesma maneira
que qualquer theoria que reduza o
problema ás proporções de uma con-
cepção finita ou cognoscivel.

Ainda que se tenha verificado que
muitas das idéas religiosas apresen-
tadas pela Philosophia Positiva tenham
se realisado depois da morte do seu
fundador, como os centenários, que não
são mais do que um culto aos grandes
homens, em todo o caso o estudo histo-
rico do sentimento religioso, desde as
mais remotas civilisações, até nos, traz-
nos a convicção de que ha uma força
no homem que o impelle sempre para
a explicação deste eterno problema.—

O livro do Sr. Luiz de Andrade não
é um livro de Philosophia, porisso
deixaremos de parte estas considera-
ções e comprimentamol-o pelo excel-
lente trabalho que nos enviou, onde
trata de diferentes assumptos com
fino espirito e delicada observação.

AMBROZIO SEVÉRO.

Eu hei de um dia ser bispo, olé!
Porém prefiro ser antes me-
tropolitano;
que, além de ajudas, de emolumentos,
tem quatro contos e novecentos
mil réis por anno.

PÉFF.

POESIA E POETAS

«A Musa Moderna»

VERSOS POR DAMASCENO VIEIRA

Entre os moços rio-grandenses que
tratam letras é o auctor deste livro um
dos que mais têm trabalhado e mais se
têm distinguido.

Do seu ultimo livro—*Esboços littera-
rios* occupou-se com louvor a imprensa
do Rio Grande do Sul e desta Corte.

Não se trata, por consequente, de um
estréante, mas de um nome já conhe-
cido.

Podemos pois dizer francamente o
que pensamos acerca da sua *Musa Mo-
derna*.

Como bem disse o critico que no ex-
tincto *Globo* fez a apreciação dos *Eu-
saios*, «o Sr. Damasceno pertence ao
grupo que fórma transicção entre os
poetas e os pensadores, e que apresenta
elementos philosophicos e lyricos.

Em geral essas composições poeticas
são mais meditadas do que inspiradas;
e, quando não se elevam de tom, deca-
hem em um prosaismo frio. O escolho
de semelhantes composições é a vulga-
ridade.»

Nem sempre o poeta soube evital-o.
A impressão geral que o seu livro nos
deixou foi a do cansaço e de vaga tris-
teza.

Falta inspiração a esta *Musa*, ou ella
propositamente a affoga na onda fria
e por vezes amargado raciocinio. In-
clinamo-nos mais a esta segunda hypo-
these. O Sr. Damasceno faz versos a
sangue frio, abolio a commoção; na sua
lyra não ha cordas para a dor nem para
amor que não seja o da Humanidade.
«A dor que porventura sinto occultar-
se-á tão intima, que a multidão que
passa não a percebe», diz o poeta no
«estudo critico» com que abre o seu
livro, estudo que reputamos a melhor
parte delle.

Todo o seu pensamento acha-se ex-
presso na mesma pagina, quando diz:
«Para dar a medida exacta do seu tempo
—preoccupação de todo artista supe-
rior—cumpre ao poeta identificar-se
com as aspirações do seculo nas suas
idéas philosophicas, nos seus gigantes-
cos impulsos de progresso, na sua ve-
hemente paixão pela liberdade. Não de-
verá apartar-se da convivencia social
para constituir-se, como outr'ora, mero
paysagista, exclusivamente entregue a
desenhar de um modo platónico o nas-
cer e o pôr do sol, o aspecto juvenil das
arvores, gorgeadas de passaros no estio
e a desolação tetra da natureza em
dias de inverno.»

E mais adiante: «A musa, apesar da
delicadeza de sua compleição, é uma
batalhadora: combate a guerra como
anti-social; combate o ultramontanis-
mo como anti-religioso; combate a mo-
narchia como anti-democratica; com-
bate a escravidão como anti-humanita-
ria; combate o milagre como anti-ra-
cional. A sua missão não é somente
bella; é tambem *util*. Encanta e ins-
true.»

O Sr. Damasceno previo com fina
perspicacia as objecções que a esses
assertos se podiam fazer, e prevenio-se
contra ellas, dizendo: «O realismo que
seguimos não faz uso de constantes hy-
perboles nem impõe-se á admiração dos
ingenuos por meio de estylo transcen-
dental, mais proprió de compendio de
philosophia do que de um livro de in-
dole poetica: antipathisamos com tudo
quanto se oppõe á facil comprehensão
do bello artistico» e mais: «A poesia é
uma musica especial; convém ser sem-
pre harmoniosa, de maneira que agrade
simultaneamente ao ouvido e ao enten-
dimento»; ainda mais;

« Não transformamos a nossa banca de trabalho em mesa anatomica. »

Estas idéas entrecrocavam-se; o Sr. Damasceno se ainda não está na verdade, já está no caminho que a ella conduz. Filiado á escola, de que são representantes em Portugal Theophilo Braga, Teixeira Bastos e aqui o Sr. Izidoro Martins Junior, o Sr. Damasceno só admittit como digno de inspirar poetas o «sentimento científico» como chama o segundo dos escriptores citados ás suggestões poeticas derivadas da comprehensão emocional—se assim nos podemos exprimir—das grandes verdades.

Um exemplo:—A flôr, que para toda a gente é bella, simplesmente porque é bella, e, como tal, deve inspirar poetas, para esses senhores é bella porque é um producto da Natureza, a «grande mãe», porque, como qualquer outra cousa, está sujeita ás «eternas leis», etc...

Semelhante escola—que, felizmente não tem conseguido muitos proselytos—é uma errada comprehensão da Esthetica e uma lamentavel adulteração da poesia, da boa, da eterna, da universal poesia, da poesia poetica.

A melhor prova disso está nos fructos que tem produzido a tal poesia científica:—livros excellentes... contra insomnias.

Basta dizer que ella suffoca a inspiração, mata o sentimento, reduz o coração a musculo racionante,—o coração racionando!—repreza e estanca a espontaneidade, impõe o assumpto, implanta o *parti-pris*.

Emquanto o Sr. Damasceno não se convencer destas verdades, não conseguirá fazer um volume de poesias; fará quando muito prosa rimada, estragando a um tempo as suas rimas e a sua prosa.

Olhe, quer saber? Do seu livro o que mais nos agradou foram exactamente as composições que o Sr. Damasceno com certeza reputa de sommo valor, mais futeis; foram por exemplo *A lição, O doutor, jogo de xadrez*...

E agradaram-nos porque nellas o encontramos mais livre da corrente científica, em que pensada e friamente se inspira a sua *Musa*. Gostámos tambem dos *Combates*, onde se encontram em verso fluente e gracioso alguns pensamentos felizes. Este, por exemplo:

« O papa, que tudo ordena,
Fez a igreja tão pequena
Que Deus não cabe no altar. »

Esta oitava epygrammatica:

« Um certo bispo illustrado,
De crenças firmes e puras,
Sendo um dia interrogado
Sobre as Santas Escripturas,
Já tendo estudado o thema,
Resolveu bem o problema,
E, na questão intrincada,
Disse a quem falar-lhe veio:
« Eu na Biblia sempre creio
« Porque não lhe entendo nada. »

Concluindo, diremos que ha no Sr. Damasceno Vieira um poeta; poeta que, se elle quizesse, appareceria um dia, radiante de inspiração, pujante de força.

Queira-o elle!

Olhe, lembre-se sempre destas suas proprias palavras:

« A existencia do homem sempre foi cheia das mais variadas alternativas; é o bem e o mal, a virtude e o vicio, a esperança e o desespero em continuo antagonismo; a vida humana semelha, como diz Byron, a oscillação constante de uma pendula entre um sorriso e

uma lagrima » e que verdadeiro poeta é aquelle que, como Hugo, canta a lagrima e o sorriso.

Admittimos a poesia científica com a condição de ser tambem—poetica.

Realise o Sr. Damasceno este grande ideal e applaudiremos a sua «poesia scientifica».

Vamos, um pouco mais de esforço, mais um passo no bom caminho e teremos o prazer de comprimentar um novo e distincto poeta; chamar-se-ha Damasceno Vieira. Esse poeta escreverá uma outra *Musa moderna*, que não se ha de parecer muito com esta, cuja delicada offerta agradecemos penhorado.

VALENTIM MAGALHÃES.

O amor vive de inanição e morre de alimento.

A. DE MUSSET.

CARNAVAL DA HISTORIA

BROUSSAIS.—Inventor de um systema pelo qual estava sempre disposto a derramar o sangue... dos outros.

BRUXELLAS.—Chamam-lhe ironicamente um pequeno Paris.

Para a perfeita comprehensão da liberdade seria bom que Paris fosse uma grande Bruxellas.

BYRON.—E' pena que de poesia tão bella fosse estragado por um mysanthropismo systematico! O nectar não deveria azedar.

CAINA.—Se tivesse operado n'um campo de batalha teria sido condecorado.

CALAS.—E ainda ha partidarios da pena de mortel..

CALDERON.—O poeta Gigonha. Deixou muitos filhos para que a posteridade os adoptasse; mas isso não dá aos eunuchos direito de zombar da sua fecundidade.

CALIGULA.—Phenomenal ave de rapina. O abutre—perú.

CALLOT.—O Juvenal da arte.

Dezenhava com ferro em brasa.

CALVINO.—Os fanatismos succedem-se e não se parecem.

CALYPSO.—*Cocote*—mythologica que, para conservar os amantes, lembrou-se de ir morar n'uma ilha. Hoje as suas eguaes para obterem os mesmos resultados, substituem geralmente a agua pelo *Champagne*.

PIERRE VERON.

Desde o dia em que uma mulher nos pertence, deixamos nós de pertencer-lhe.

MONTAIGNE.

COFRE DAS GRAÇAS

DISCUSSÃO GRAMMATICAL

O assumpto era questão de portuguez. Um professor, do seu saber inchado, explicava, com grave sudez, em tom de quem não quer ser contestado:

— « Braço » é um substantivo appellidado Communi; é masculino: então, já vês, E' precedido do artigo O, em vez Do artigo A. (Isto é caso demonstrado)

Para exemplo se deve, dizer: «Dar O braço a alguem». Responde o ouvinte:—«Quanto a mim, faço adistincção seguinte:

Se «alguem» é, por acaso, uma mulher Moça é formosa, em vez de dar—o braço, Prefiro, meu amigo, dar—a . . . braço »—

VON-TSI.

Sahia do hotel «Frères Provençaux» um deputado muito conhecido pelos seus discursos e pelo seu appetite, no momento em que entrava um bohemio, de braço dado a uma austriaca.

— Então, você vae á Austria? perguntou-lhe o deputado com malicia.

— E' verdade. E V. Ex. vem do Perú?

— Que andas fazendo?

— Horas para o jantar.

— E depois?

— Não sei; mas provavelmente continuarei a fazer horas para a ceia.

A perversidade presuppõe uma supina ignorancia ou uma impotencia enorme; quando ella se encontra em um cerebro, que se esclareceu ao contacto da sciencia e dos homens, entra no numero das vesanias.

L. DELFINO.

O RELOGIO DA VIDA

(ROMANCE REALISTA E CURTO)

O sino é o relógio da vida.

Assignala todas as grandes horas:

I

Ten...ten...ten...

Lá vae para a igreja o baptisado... Eil-o de volta.

O pequerrucho chama-se Manoel. Em nome do Padre...etc.

II

Ten...ten...ten...

O Manoel é hoje o Manduca.

Lá segue, contrariado, de livro ao so-vaco, para a escola.

E' a hora da classe.

III

Ten...ten...ten...

E' a Academia que chama ás aulas. O Manduca é calouro... Chamam-no doutor...

IV

Ten...ten...ten...

O Sr. Dr. Manoel de tal vae se unir pelos laços do matrimonio, etc. A igreja repica...

V

Ten...ten...ten...

Acaba de fallecer o Sr. Dr. Manoel de tal. E' uma perda sensivel, etc.

VI

Ten...ten...ten...

Suffraga-se a sua alma.

Requiescat, etc...

LAURO.

FACTOS E NOTICIAS

Hontem, completando o Dr. Sizenando Nabuco 43 annos de idade, houve em sua residencia uma agradável reunião de amigos, que começou pela audição de dois actos do *Comte de Camors*, drama escripto em francez sobre o conhecido romance do mesmo titulo, pelo Dr. Sizenando, e terminou por uma ceia delicada, *tout à fait exquisite*.

Estiveram presentes os Srs. José do Patrocínio, Urbano Duarte, Aluizio Azevedo, Emilio Rouède, Dr. Labarriere, Luiz Murat, Filinto de Almeida e Valentim Magalhães.

Parabens ao amavel e estimado amphitrião.

Segundo telegramma recebido pela *Gazeta de Noticias*, falleceu em Paris o Dr. Ferreira de Abreu, barão de Terezopolis, illustre medico brasileiro, muito conhecido e estimado em sua patria, de que ha annos se achava ausente.

* * *

Pela collectoria de Santo Antonio do Padua foram libertos pela ultima quota do fundo de emancipação, de 8.750\$ 18 escravizados, cujas cartas lhes foram entregues no dia 23 do passado. Se todos os collectores applicassem as suas respectivas quotas como faz o digno collector de Padua, o fundo de emancipação seria uma realidade, e corresponderia aos intuitos com que foi creado.

TRATOS À BOLA

O Sr. J. da C. e S. foi o primeiro decifrador das *tratices* ultimas e o Sr. Pepe o segundo.

Como se prestasse a duas decifrações o primeiro proverbio—enigma, D. Pastel deliberou aceitar ambas.

Por isso foi considerado como segundo decifrador o Sr. Pepe...

Que felizardo!...

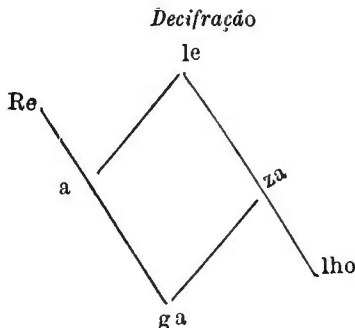
Eis as decifrações: Dos proverbios-*enygmas*—*Macaco que se coça quer chumbo* ou *Cavallo bravo quer ferro*; da antiga *Cachola*; das novissimas—*Tiradentes* e *Tirapé*; da decapitada—*Coração*, e das calimburguescas—*Cantochão* e *Veracidade*.

Para hoje damos os seguintes *tratos*:

CHARADAS EM ZIG-ZAG

Para decifrar as charadas d'esta especie, começa-se procurando a palavra central, que é de 2 syllabas;—conhecida esta, são sabidas 2 syllabas das palavras de quatro syllabas, correspondentes ao primeiro e terceiro versos: assim, a primeira da palavra central é tambem segunda da primeira de 4 syllabas e primeira da segunda. E' indifferente que as duas syllabas soltas da primeira e terceira palavras formem ou não sentido. Para maior clareza damos a seguinte charada com a sua decifração:

« Eu sou o alvo da arma socialista, 4
E, se no ar suspendo tantas vidas, 2
Tambem conforto ao que dos lares dis-
ta, 4 »



Temos pois—*aza*—que é a palavra central, e a significação do segundo verso, e—*realiza*—e—*agazalho*—em zig-zag, que são a significação do 1º e 3º versos.

Esta especie de charadas é invenção do Sr. Joaquim de Castro Fonseca.

Agora preparem-se os Srs. decifradores, afim de ver se mettem o dente nesta:

Eu sou filha da Italia e mais não digo, 4
Ai! como é doce o suco desta planta, 4
Isto é uma enorme asneira, meu amigo! 2.

ANTIGA

Eu não venho, leitor, te amolar;
Perturbar teu repouso não venho.
Tenho só 7 letras, não mais;
Que pensaes? 7 letras 7 só tenho.

A um certo adverbio se me vejo unida,
Me torno bebida de grato sabor—1
Se com uma só letra no fim tu me adornas
Em pedra me tornas, bondoso leitor—2

CONCEITO

Não pertengo á flor suave,
Não sou d'ave, sou de gente;
Não me chamem lobishomem,
Nome d'homem sou sómente.

PROVERBIOS-ENYGMAS (1)

(2) (1-2) (1) (2)
Cupido—a Cupido—não—deve; saldo.
(1) (1) (1)
Sujeito que — possui— pena — de com-
(2) (12) (3)
mida—não amamenta— quadrupede.—
Avareza.

CALIMBURGUESCAS

Quantos meninos capa o chapéo do soldado?

Qual a nota mais breve e de mais bella fórma?

INVERTIDAS

2—E' bicho que invertido cobre.
2—Esta armadura invertida é páu.

PREMIOS

Ao primeiro decifrador exacto um exemplar da *Illustração* n. 12 (2º anno), inteiramente dedicado aos funeraes de Victor Hugo. Ao segundo um exemplar dos *Quatro poemas*, de Luiz Murat.

(1) Vid. n. 28.

D. PASTEL.

CORREIO

SR. MARIO — Recebemos o seu soneto «Noite Americana». Publical-o-emos brevemente.

SR. JOSE PEDRO FUNST—Se a sua poesia «No dia de finados» fosse menos extensa teria sido publicada; em todo caso não nos furtamos ao desejo de inserir aqui mesmo estes versos:

«Quantas vezes, de um rico mausoléu
Surge immundo reptil,
Ao passo que da tumba de um escravo
Rebentam flores mil!

Assim, pois, da pobreza que padece
Não vos rieis jamais!
Quer rico ou sabio, ignorante ou pobre
Somos todos iguaes!»

SR. SOUZA LAURINDO—O seu sonetinho «Homenagem» não é máu; está bem metrificado. O que não nos agrada muito é a repetição das rimas em «ado» e «ando» nos tercetos.

SR. J. M.—O seu soneto «A Tunica de Nessus» seria bom se não fosse, coitado! victima de uns versos verdadeiramente coxos, por exemplo:

«Vendo-me assim talvez que hajas crido, »
«Pelo ar que ostento sobranceiro.»

Não será possivel ao Sr. expurgal-o destes «males»?...

SR. ANTONIO MARTINS DE ARAUJO—A sua poesia «Victor Hugo» ... é muito longa; se fosse menor e menos má não seria melhor? Publical-a-íamos.

RECEBEMOS

Do Sr. Manoel Ricardo de Souza Dias um folheto contendo o discurso que o mesmo senhor recitou como representante da Faculdade de Medicina na sessão solemne do Congresso Academico, em homenagem a Victor Hugo.

— O 2º fasciculo d'«O Homem de quatrocentos annos»,

— «Cadastro da Policia», fasciculo n. 22.
— Bibliotheca do Povo.—«Portugal pre-historico».

— Bibliotheca Domestica, fasciculo n. 12.
— «La France».—Numero especial consagrado ao 14 de Julho.

Traz artigos firmados pelos mais distinctos escriptores brasileiros.

— «Le Sud-Américain».—Numero especial dedicado tambem ao 14 de Julho.

— «A Estação».—N. 13, anno XIV. Jornal de modas parizienzes, dedicada as senhoras brasileiras.

EXPEDIENTE

havendo terminado com o numero 26 o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos aos Srs. assignantes o obsequio de mandar reformar as suas assignaturas, e aos que se acham em atrazo o favor de mandar saldar os seus debitos.

A's pessoas que quizerem assignar esta folha por um anno daremos de premio um exemplar de uma bella obra, que se acha no prélo; ás que a quizerem assignar por seis mezes daremos o tango «A Semana—100 rs.»

Os Srs. assignantes que desejarem a collecção dos seis mezes já publicados pagarão mais 3\$000. (3\$500. se fôr encadernada) Para quem não fôr assignante a collecção custará 4\$000, encadernada.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez — Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá — Espec. Syphilis e molestias das crianças. Consultorio:—rua Primeiro de Março, 22: de 1 ás 3 horas da tarde. Residencia:—rua de S. Pedro, 294.

A SEMANA 100 RS.!

TANGO DELICIOSO

COMPOSTO E OFFERECIDO

POR

ERNESTO DE SOUZA

conhecido auctor do tango *Setim*, e de outras applaudidas musicas, á redacção d'A Semana.

Vende-se no escriptorio d'esta folha a

1 \$000

EXTERNATO HEWITT

INSTRUÇÃO SECUNDARIA

E

COMMERCIAL

134 Rua do Rosario 134

VENDEM-SE

collecções d'A Semana (primeiro semestre), encadernadas, nas livrarias Faro & Nunes, Laemmert, Serafim Alves e no escriptorio da

A SEMANA